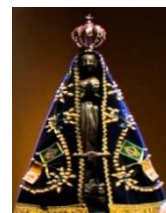


# *Comunidade Nossa Senhora Aparecida e Sant'Ana*

## *Canela / Gogô*



A Comunidade Nossa Senhora Aparecida e Santana surgiu juntamente com o antigo Arraial do Carmo, hoje cidade de Mariana, bem no início do século XVIII. A dupla atribuição de padroeiras já fornece uma pista do caráter plural e integrado do distrito, visto que de um lado da rodovia MG129, encontra-se o povoado de Santana, conhecido como Gogô (Morro Santana), e do outro lado uma pequena várzea, conhecida como Canela, nas margens do córrego do Canela.

Por volta do ano 1703, quando a maior parte dos paulistas que havia promovido as primeiras extrações de ouro no Ribeirão do Carmo já tinha retornado para Taubaté, devido à falta de alimentos para sua subsistência, o bandeirante Francisco Fernandes, apelidado de “Vamos-Vamos”- daí a alcunha da localidade -, ficou na região, dedicando-se à retirada do minério precioso nos córregos próximos ao Morro Santana.

Em 1711, o Arraial do Carmo que já contava com uma numerosa população, conseguiu obter sua elevação político-administrativa à categoria de Vila, com subsequente criação da primeira Câmara. Nessa época, o Morro Santana passou a fazer parte do termo de Mariana, em virtude da doação para a Câmara de Mariana, em troca de favores, de uma área dessa propriedade que pertencia a Antônio Pereira Machado, que tornou-se rico por trazer para a região uma técnica espanhola para extração do ouro nas encostas dos morros, através da escavação subterrânea.

No ano de 1712, a Capela de Santana foi construída em uma das colinas da localidade. Ao lado da capela foi construído um cemitério, onde eram enterrados os fiéis, com exceção daqueles com doenças contagiosas. Nessa época, o Morro Santana passou a ser mais conhecido e, paulatinamente, ocupado por senzalas, currais, residências, sendo a maioria casas de palhas, separadas umas das outras, e juntas pelas lavras de ouro, que ficavam muito perto delas.

O culto a Santana foi dos mais fervorosos em Minas ao longo do século XVIII, como demonstram muitos testamentos da época. Vale ressaltar, no entanto, que Ana e Joaquim, os pais da Virgem Maria, foram integrados à liturgia católica nos tempos modernos.

A prosperidade no Morro Santana não foi muito além do século XVIII, pois já no final desse período o ouro dava mostras de esgotamento, o que levou ao abandono de muitas residências e lavras de extração mineral. A localidade só veio a conhecer um certo surto de crescimento depois de 1960, quando novas tentativas de extração do ouro foram empreendidas.

Um fato que modificou a vida na comunidade, na década de 1970, foi a decisão da Arquidiocese de Mariana, tomada por medidas de segurança devido aos furtos e arrombamentos, de conceder o prédio da igreja, juntamente com a maior parte de seu acervo, para a coleção particular de Artur Vale Mendes, um dos proprietários da empresa Mendes Júnior. A consternação dos moradores do Morro Santana, que tinham a igreja como sua maior referência de identidade social e de fé, foi geral.

Mas, a partir de 2004, a sensação de perda começou a ser revertida. Isso porque, pouco tempo antes, em 26 de maio de 2001, o jornal “O Espeto”, fundado em 1928, deu início a uma investigação no intuito de tentar descobrir o paradeiro da capela desaparecida. Três anos depois, foi descoberto que a antiga Capela do Morro Santana de Mariana havia sido reedificada na sede de empresa Mendes Júnior, hoje UNI-BH, sendo dedicada a São Francisco das Chagas.

No entanto, algum tempo depois a igreja já não estava mais no local, havia sido desmanchada e suas peças, muitas delas guardadas em caixotes, encontravam-se em um galpão da UFMG, no bairro Pampulha, uma vez que tinham sido doadas à universidade pelo empresário, em 1999.

Os moradores do Morro Santana não desanimaram. Afinal, haviam chegado perto de reconquistar a sua almejada capela. Mobilizaram-se e fizeram um abaixo-assinado, reivindicando o retorno da capela ao espaço social e religioso onde fora inicialmente construída. Ao mesmo tempo, laudos técnicos do IPHAN ajudaram a comprovar a autenticidade das peças, a pedido da Câmara Municipal de Mariana. Surgiu então uma expectativa otimista e, em decorrência disso, todos os domingos pela manhã a comunidade promovia um mutirão para limpar a área onde a capela havia sido edificada, bem como a trilha que dava acesso a ela. Também solicitaram ao pároco da época, padre Julião, que presidiu uma missa junto aos vestígios do antigo templo.

Até que no dia 7 de julho de 2004, quando, em meio às ruínas da antiga igreja, uma nova celebração eucarística foi finalmente celebrada. Esse foi um dia de muita emoção para a comunidade.

E no dia 25 de abril de 2008, aconteceu o retorno histórico: trazido em caminhões o acervo da capela foi transferido da UFMG para as dependências do Museu da Música de Mariana. Esse foi mais um dia muito alegre, que contou, inclusive, com foguetes e o badalar dos sinos das igrejas da cidade.

A reconstrução da igreja foi prometida pela Prefeitura Municipal de Mariana, mas este sonho ainda não se concretizou, para tristeza dos moradores do Morro Santana. Enquanto a aspirada reconstrução não acontece, os católicos do Gogô, há algum tempo participaram das celebrações na escola da localidade. Atualmente, reúnem-se na sede da Associação dos Moradores, que foi construído com o esforço coletivo dos moradores, e aos domingos transfigura-se na Capela da Comunidade. Dessa forma, o salão comunitário atua como espaço litúrgico e pastoral, onde acontecem as celebrações, os encontros, reuniões, entre outros movimentos da igreja.

Outros tantos desafios são enfrentados pelos frequentadores da Capela de Nossa Senhora Aparecida, construída em torno da década de 1940, no bairro Canela, próximo ao Morro Santana. Em 2012, por meio da união e solidariedade, os moradores conseguiram construir em espaço celebrativo ao lado da capela. Mas a comunidade do Canela continua a empenhar-se em proceder a reforma e ampliações da edificação da capela da padroeira, a qual é muito pequena e não consegue acolher a todos os fiéis, sobretudo em dias de festa, no mês de outubro.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida já existe no Brasil, desde o século XVIII, e ganhou no século XX, novo e importante impulso devido à representação da nacionalidade brasileira ligada à figura mariana. Em 1930, o Papa Pio XI declarou a Virgem de Aparecida como a padroeira do Brasil.

Assim, a Comunidade Nossa Senhora Aparecida e Santana, ligada a esse enraizamento do passado, procura projetar dias melhores no futuro, por meio da fé, oração e espiritualidade dos moradores do Canela e Gogô, sob as bênçãos de Deus e proteção de suas padroeiras.

## **CONSELHO COMUNITÁRIO DE PASTORAL**

### **COORDENAÇÃO COMUNITÁRIA**

Eliana Aparecida da Silva Silvério – Tel.: 98016-5587

Luiz Carlos Marciel Silvério – Tel.: 98508-0124 – luizcms126@gmail.com

### **DIMENSÃO CATEQUÉTICA**

Élida Rodrigues Vieira – Tel.: 99728-0748

Solange Maria Silvério – Tel.: 98977-2852

### **DIMENSÃO LITÚRGICA E MINISTÉRIOS**

Célio Marciel Silvério – Tel.: 98776-6420

Suzana Maria Vieira Assunção Sobreira – Tel.: 98884-6679

### **GRUPOS DE REFLEXÃO**

Ana Maria de Paula da Silva – Tel.: 98704-4546

Marta Aparecida de Oliveira – Tel.: 99784-2251

### **PASTORAL DO DÍZIMO**

Manoel Raimundo de Oliveira – Tel.: 99777-3105

Wilson Corsino – Tel.: 98969-0988

### **PASTORAL DE BATISMO E INICIAÇÃO CRISTÃ**

Judite Belo de Assis Pereira – Tel.: 98275-2708

Nelza Alves da Costa – Tel.: 98500 – 0387